

LUIZ FRANCISCO REBELLO TODO O TEATRO

Introdução de JOSÉ OLIVEIRA BARATA



BIBLIOTECA DE AUTORES
PORTUGUESES



LUIZ FRANCISCO REBELLO

TUDO O TEATRO

Introdução de JOSÉ OLIVEIRA BARATA

Primeira edição

Impresso em Lisboa em 1964

1964

Começa a história de tudo isto quando, no papel, apareceu um pequeno fragmento de teatro. Foi uma coisa que veio da mão de um jovem que se chamava Luiz Francisco Rebello. Não se sabe ao certo quando aconteceu, mas sabe-se que foi em 1961. Não se sabe se o texto foi escrito por ele ou se foi uma obra de um autor desconhecido. Mas sabe-se que o texto foi publicado na revista "Revista de Letras" da Universidade de Lisboa. Este texto foi publicado na revista "Revista de Letras" da Universidade de Lisboa. Este texto foi publicado na revista "Revista de Letras" da Universidade de Lisboa.



IMPRENSA NACIONAL-CASA DA MOEDA

CONDENADOS À VIDA

8

CONDENADOS À VIDA

1974

1974

1974

1974

1974

1974

1974

1974

1974

1974

1974

1974

1974

1974

1974

1974

1974

1974

1974

1974

1974

1974

1974

1974

1974

1974

1974

1974

1974

1974

1974

CONDENADOS À VIDA

*sequência dramática em 2 partes,
1 prólogo e 1 epílogo*

[1961-63]

PERSONAGENS

LUCIANA

AFONSO

e (por ordem de aparição):

UM VELHO

PRIMEIRO HOMEM

UMA MULHER

SEGUNDO HOMEM

EUGÉNIA

COBRADOR

ILDA

CRIADO DO CAFÉ

SANTIAGO

ISABEL

GONÇALO

ENFERMEIRA

JORGE

MARIA AUGUSTA

GINA

FILIFE

CÉSAR

CONSTANÇA

MIGUEL

1.º e 2.º CLIENTES DO CAFÉ

HOSPEDEIRA DE BORDO

DOIS HOMENS (no epílogo)

Uma velha, um jovem, clientes do café, um criado, convidados, passageiros,
empregados do aeroporto, homens e mulheres.

PRÓLOGO

Apagadas as luzes da sala, e antes de o pano subir, ouvir-se-ão ruídos que sugerem (mas sem qualquer preocupação de fidelidade realística) a gare de um aeroporto: motores em rotação acelerada, campainhas, indicações dadas por alto-falantes, vozear confuso, etc. Para se obter o desejado efeito de estranheza, conviria que se usasse (como, aliás, no decurso do prólogo e, mais adiante, na transição da 2.ª parte para o epílogo) música concreta. Os ruídos vão crescendo de intensidade e, quando atingem o máximo de estridência, cessam abruptamente.

No silêncio total que se segue, o pano começa a subir muito devagar, descobrindo um ângulo de uma sala de paredes muito altas, completamente nuas, de uma brancura que fere a vista. Ao longo das duas únicas paredes visíveis, e apenas interrompido por um guarda-vento de duas portas que se abre na parede da D. (mais curta que a da E.), corre um banco metálico. Quando, accionadas electronicamente, se abrem as portas desse guarda-vento (de um vidro fosco, com de chumbo), distingue-se vagamente a silhueta cinzenta de enormes aeronaves. Estamos, de facto, numa sala de espera de aeroporto, muito embora, pela sua nudez e ausência de cores, ofereça antes o aspecto duro e frio de uma câmara asséptica. Por cima do guarda-vento há o mostrador de um relógio. Mas apenas o mostrador: o relógio não tem ponteiros. Um quadro electrónico, onde irão aparecer os números dos voos anunciados no diálogo. E uma lâmpada vermelha, que se acenderá quando nas rubricas for indicado.

Não há qualquer outra decoração.

(Estão em cena, quando o pano sobe, um Velho e uma Velha, sentados no banco, ao lado um do outro, contra a parede da E. Ele veste uma camisola e umas calças cinzentas; ela uma espécie de túnica da mesma cor. Têm ambos, sobre o peito, uma chapa de metal com um número. Decorre um longo tempo, durante o qual os dois se mantêm imóveis, silenciosos, as mãos sobre os joelhos, o olhar inexpressivo, ausente. Até que se abre a porta da D., dando entrada a um Homem de meia-idade, vestindo, como o Velho, uma camisola e umas calças cinzentas. Todas as personagens, aliás, us

intervêm no prólogo vestem de igual maneira; e todas trazem, sobre o peito, uma chapa numerada. Além disso, exprimem-se num tom neutro, impessoal, que ajudará a criar a atmosfera de estranheza em que a acção deste prólogo deverá decorrer.)

O **HOMEM** (*dá uns passos em cena, olhando à sua volta, sem que qualquer dos Velhos pareça notar a sua presença; depois estremece, esfrega as mãos uma na outra, ao mesmo tempo que diz, na direcção dos Velhos*) — Que frio... (*Mas os Velhos não reagem. Directamente para eles.*) Não acham? (*O Velho, sem o fitar, limita-se a encolher os ombros. O Homem dá um ou dois passos na direcção deles.*) É que sítio incomfortável!

O **VELHO** (*em tom de absoluta indiferença*) — Que importância tem isso agora? Estamos aqui só de passagem.

O **HOMEM** (*condescendendo*) — Tem razão. De um momento para o outro chamam por nós, e não há outro remédio senão partir. Mal nos dão tempo para pensar noutras coisas. E que adianta pensar noutras coisas, se verdadeiramente só uma nos preocupa? (*Um silêncio. Os Velhos mantêm-se indiferentes. O Homem, dirigindo-se ao Velho, numa tentativa para estabelecer diálogo.*) Qual é o número do seu voo?

O **VELHO** (*lendo a chapa*) — Diz aqui: 62-HZ-327.

O **HOMEM** — O meu tem tem o número a seguir. Deve partir uns minutos depois.

O **VELHO** — Uns minutos, umas horas, uns anos... É tudo igual. Só quando a viagem principia é que o tempo começa a existir para nós. Por enquanto, um século e um segundo têm exactamente a mesma duração... (*Pausa. A Velha começa a tremer.*) Páre com isso! (*A Velha continua a tremer.*) Páre com isso, não ouve?! (*Agarra-lhe os braços. A Velha aquieta-se. Para ela.*) Quando a ordem vier, terá de embarcar. Como os outros, como todos os outros... A viagem começa sempre da mesma maneira para todos. É depois que cada um segue o seu caminho.

(Um breve silêncio. E, de repente, ouve-se a voz imperativa, autoritária e seca do alto-falante, ao mesmo tempo que no quadro electrónico começa a acender-se e apagar-se o número 62-HZ-327.)

ALTO-FALANTE — Atenção! Atenção! O voo 62-HZ-327 vai partir dentro de instantes. Os passageiros destinados a este voo devem embarcar imediatamente.

O **VELHO** (*para a Velha*) — Somos nós. Venha comigo. (*Ajuda-a a levantar-se. Encaminham-se os dois para a porta.*)

O **HOMEM** (*vendo-os sair*) — Feliz viagem...

(No momento em que os Velhos vão a sair, cruza-se com eles uma mulher de cerca de 35 anos, que ficou um instante a vê-los partir, depois entra, olha com estranheza à sua volta, e por fim dirige-se ao Homem.)

A MULHER — Desculpe... É aqui a sala de embarque?

O HOMEM — Há outras ao longo do cais.

A MULHER — Iguais a esta?

O HOMEM — Exactamente iguais. *(A Mulher torna a percorrer a sala com a vista. É evidente a sua decepção. O Homem acerca-se dela.)* Não imaginava que fosse assim?

A MULHER — Não é bem isso... Mas supus que ia encontrar aqui... *(Interrompe-se, como se tivesse dificuldade em exprimir o seu pensamento.)*

O HOMEM — O quê?

A MULHER — Uma... explicação, uma indicação qualquer, ao menos... E afinal, nada, absolutamente nada! Só estas paredes nuas, silenciosas e nuas... Estas paredes que não respondem a nenhuma das interrogações que trazemos dentro de nós!

O HOMEM — Faça como eu. Não lhes pergunte coisa nenhuma.

A MULHER — A quem hei-de então perguntar?

O HOMEM — Disseram-lhe que viesse para aqui e esperasse, não foi? Que chamariam por si quando chegasse a sua vez? Não lhe basta? Que mais precisa de saber?

A MULHER — O que eles não dizem... Para onde nos levam, o destino que vão dar-nos... Mas se lhes perguntamos alguma coisa, olham para nós com indiferença, calam-se e não respondem. Entregam-nos uma chapa com um número, mandam-nos ficar à espera, e quando chega a hora de partir obrigam-nos a embarcar no voo que nos têm destinado. E tudo isto friamente, burocraticamente, só com as palavras indispensáveis. Como autómatos. Como se fossem apenas uma mão que carimba números, uma voz que repete ordens... *(Cerrando os punhos)* É horrível!

O HOMEM — E daí, quem sabe?, talvez seja melhor assim... *(A Mulher olha-o interrogativamente.)* Pense que eles podiam enganar-nos. E que podiam também, se quisessem, dizer-nos a verdade — uma verdade medonha, intolerável... Mas com palavras doces, carinhosas... Com sorrisos amáveis e gestos bem educados... Simplesmente pelo prazer de

serem cruéis, de nos atormentarem ainda mais... E como poderíamos nós saber *agora* se o que eles diziam era verdade ou não? Ah! Seria muito pior, acredite...

A MULHER — Pior? Pior do que esta ignorância, esta incerteza?

O HOMEM — Assim, ao menos, todas as hipóteses são possíveis...

(Uma pausa, cortada pelo ruído estridente de uma campainha. Acende-se a lâmpada vermelha sobre a porta. E o alto-falante volta a fazer-se ouvir.)

ALTO-FALANTE — Atenção! Atenção! Último aviso. O voo 62-HZ-327 vai partir imediatamente...

(E com efeito, começa a ouvir-se o ruído do motor de um avião que se prepara para levantar voo. Crispada, a Mulher volta-se contra a parede. O Homem dirige-se para a porta, que se entreabre, e fica a olhar para fora.)

O HOMEM — Lá vão... E já outro avião vem tomar o lugar do que partiu. Aquele em que nós havemos de seguir...

A MULHER *(ainda de costas voltadas)* — Não, ainda não... O meu será ainda depois desse. HZ-329. Um número, um número apenas, como milhares, milhões de outros! Um número que não quer dizer nada, que não significa nada! *(Voltando-se para o Homem.)* As palavras podem ser falsas, hipócritas, podem enganar-nos, como disse há pouco. Mas é sempre possível referi-las a qualquer coisa, há sempre seja o que for por detrás delas, mesmo que não seja verdade. Os números, não. Estão ali, diante de nós, impenetráveis, secretos, alheios à nossa angústia, à nossa inquietação... Precisamos de palavras, palavras que nos tranquilizem, e eles respondem-nos só com números...

O HOMEM — Talvez seja essa a única linguagem que neste momento somos capazes de entender.

(Um tempo. O ruído do avião que descolou foi diminuindo gradualmente até deixar de se ouvir. A lâmpada vermelha apagou-se, bem como o número no quadro electrónico.)

A MULHER *(a meia voz, como que a medo)* — Ouvi dizer que alguns conseguem fugir... Que não respondem à chamada, e o avião parte sem eles...

O HOMEM — E que adiantam com isso? Seguem depois, noutra voo, mais tarde... Ninguém consegue escapar. Eles têm uma organização perfeita. Não podemos fazer outra coisa que não seja obedecer-lhes.

A MULHER — Mas sabemos nós, ao menos, do que estamos à espera?